

Partindo da reflexão sobre a imagem fotográfica no fotojornalismo moderno, busca-se pensar seu papel na contemporaneidade, momento histórico em que sua objetividade é reduzida, perdendo caráter de verossimilhança. Encontramos um fotojornalismo que pode ser chamado de “menor”, termo proposto por Deleuze e Guattari (1997), prática que se assume como ficção, narrativa, e construtora da realidade retratada. Nesse sentido, é uma fotografia que subverte, descentra, provoca pensamento e reflexão, que “não carrega consigo, necessariamente, o fato informativo, a notícia, mas suas consequências e anterioridades; mesmo quando vinculadas a um fato noticioso específico, aí não se esgotam” (GONÇALVES, 2009).

A pesquisa tem caráter teórico-empírico. Busca-se identificar a presença desse tipo de imagem nas capas dos jornais Zero Hora e Folha de São Paulo. Procurou-se nelas fotografias potentes, não limitadas ao referente e que provocam reflexão no leitor. Como referência teórica de investigação, foram trabalhados artigos produzidos pela professora orientadora que trazem o conceito de “fotografia menor”, necessário para a análise do corpus da pesquisa. Depois da leitura dos textos, que visavam principalmente a aproximação do bolsista com o conceito, realizou-se a análise das fotografias sob a ótica do conceito formulado.

Através da análise do jornal Zero Hora, foram selecionadas fotografias com o potencial reflexivo referente aos conceitos aqui empregados, indentificando-se nelas a possibilidade de uma fotografia menor. Da análise de cerca de 520 fotografias do jornal Zero Hora, sendo 260 de capa e 260 de contracapas, foram selecionadas aquelas que, acredita-se, são imagens potentes que provocam o pensamento. Ao todo foram 37 imagens, sendo 24 de capa e 13 de contracapa. As imagens foram expostas para a professora orientadora que concordou haver nelas um potencial do conceito de fotografia menor.

Através da observação e análise das capas dos jornais coletados, encontrou-se fotografias com potencial menor, no sentido de causar reflexão, em que “o espectador é incitado a participar da construção da narrativa visual, sempre instável, ambígua” (GONÇALVES, 2012). É possível sinalizar também um estreitamento da fronteira entre o documental e o artístico, visto que essas fotografias sinalizam a presença do fotógrafo, um autor, que não está ali apenas reproduzindo o real, mas em suas imagens encontram-se denotação e conotação (BARTHES, 2000) e “trazem para dentro do quadro fotográfico os imateriais, referentes incorporais, que vão além dos detalhes técnicos da tomada de imagem e que incluem a vivência do fotógrafo, suas percepções, sentimentos e desejos” (GONÇALVES, 2012). Dá-se início a análise das fotografias selecionadas da Folha de São Paulo, nas quais acredita-se haver também imagens de mesma força, potentes, provocadoras de reflexão e que subvertam o pensamento.

Referências

BARTHES, Roland. A mensagem fotográfica. in LIMA, Luiz Costa (org.). Teoria da cultura de massa. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 321-338

DELEUZE, Giles & GUATTARI, Félix. Kafka: por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago, 1977

GONÇALVES, S. M. L. P. Por uma fotografia "menor" no fotojornalismo diário contemporâneo. E-Compós (Brasília), v. 12, p. 1-17, 2009.

GONÇALVES, S. M. L. P. Miguel Rio Branco: Tempo, Arte e Documento. Revista: Estúdio, v. 1, p. 330-337, 2012.